

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.174

Sábado 23 de Setembro de 1922

PREÇO — 10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhadas-Lisboa e Telex 5339-3

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

O TRABALHO, de EMILIO ZOLA

Eis o novo folhetim cuja publicação iniciaremos amanhã.

Que nenhum leitor, que desconheça esta obra do genial Zola, deixe de acompanhar a sua leitura com atenção e carinho.

O III Congresso Operário Nacional E O MOMENTO ACTUAL

Firmemos com confiança a obra de emancipação

Há um facto muito importante no movimento operário português e que não deve passar despercebido por parte de todos aqueles que ao mesmo movimento tem dado o melhor do seu esforço, da sua boa vontade, da sua inteligência e do seu amor — facto que poderá constatar-se por este modo: a corrente revolucionária revelada na espontaneidade das massas operárias em seus movimentos de liberdade nos quais se inspiram todos os que se «participam» orientam a sua acção numa directriz conforme com os desejos das mesmas massas.

Poderá parecer confuso — e talvez seja — este conceito que caracteriza o movimento sindicalista no nosso país. Mas se nos recordarmos do que já foi o movimento operário em Portugal, das suas fases — confuso durante muitos anos, naquelas em que as correntes sociais estavam pouco esclarecidas e em que mal se divisava um objectivo concreto através duma acção inconsequente; agindo à volta dum eixo insubstituível que se formou dentro dum critério mais ou menos reformista e em que a classe operária não confiou, desconfiada como sempre foi com os políticos de variada espécie que se lhe apresentavam com promessas de falsa redenção; que se afirmou, depois que principiou a compreender que só a sua acção tinha valor, por isso que era uma acção que resultava do seu esforço próprio.

As suas manifestações principiaram a ser mais claras, e quando — como já se tem verificado — até com uma certa retumbância — surgem veleidades de intervenção política nos Sindicatos, as massas fazem sentir bem o seu desgosto, ora duma forma ruidosa, com os seus protestos, ora recolhendo-se a um indiferentismo sintomático.

As suas manifestações, embora instintivas, em um sentido progressivo e a característica revolucionária revelam-se no seu desejo de situações claras e inconfundíveis.

E assim a massa organizada nos organismos sindicais portugueses. E' neste espírito que os militantes se têm inspirado para realizar o melhor possível a obra de consciente aproximação, do união, do entendimento, de inteligência para o fim comum de emancipação.

A melhor demonstração deste

Excursão à Barra e Seixal em favor de 'A Batalha'

E' já amanhã que se efectua o interessante passeio à Barra e ao Seixal. Como tempo tem estado lindíssimo este passeio deve ser delicioso. E como se alia ao agradável o útil — e a utilidade está no benefício prestado ao órgão dos trabalhadores «A Batalha» — o magnífico passeio tem um duplo valor.

E que assim é demonstrado o facto da procura de bilhetes ser grande, como grande é o entusiasmo.

A Comissão promotora mais uma vez lembra aos Sindicatos que ainda não enviaram as suas bandeiras para que o façam até à noite de hoje.

A administração de «A Batalha» lembra a todos os camaradas e organismos que tenham em seu poder bilhetes para esta excursão e que ainda não falta desde as 10 às 22 horas, afim de se poder atender a procura que está tendo os referidos bilhetes.

Será passado um documento de entrega.

NO PORTO

Uma conferência

Como foi anunciado, é hoje que se realiza na sede do Núcleo da Juventude Sindicalista do Porto, à rua de Entreparedes, 33, uma conferência subordinada ao tema: «Utopias Anarquistas».

Será conferente um jovem sindicalista, que admitirá a controvérsia. Para esta conferência é convidado o operário em geral e em especial a operária a assistir à mesma, que principiará às 21 horas prefixas. A entrada é e a tribuna são livres.

UM DEPOIMENTO INTERESSANTE

O sr. Damião dos Santos fala à «Batalha» sobre:

os atentados, o fascismo e a Confederação Patronal

Desçiamos ontem a Praça dos Restauradores e iam já próximos do Avenida Palace quando nos encontramos, inesperadamente, com o sr. Damião dos Santos, que dirigiu a Polícia de Segurança do Estado e denunciou os escândalos lá cometidos, que como é sabido originaram a sua dissolução.

O ex-adjunto da extinta P. S. E. está longe de comungar nas nossas aspirações, como a sua acção política e até as suas confissões pessoais o tem demonstrado.

No entanto, não deixa de criticar com desassombro certos acontecimentos que se passam nas regiões da política do comércio e da finança e que a sua consciência repugna. Sendo ele adversário das nossas opiniões sociais o seu depoimento tem grande importância e merece ser arquivado nas colunas deste jornal.

Foi pois com interesse que tomámos notas da conversação que com ele tivemos a uma mesa do café «Itália», e que passamos a reproduzir.

O nosso entrevistado referiu-se assim aos atentados:

— Conhece a esse respeito as minhas opiniões... Mas, estou longe de me contentar com frases de efeito, que apenas reclamam ódio e estupidez da parte de quem as profere. E' preciso analisar os acontecimentos, com serenidade, inteligentemente. Olhe, em primeiro lugar os atentados atingem frequentemente as ideias. São elas que mais sofrem e não a sociedade, como supõem os reaccionários que os querem aproveitar para exercer perseguições iníquas. Chamam carrascos aos autores dos atentados, mas diga-me para que criam muitas vezes os alvejados uma atmosfera de ódio, de ódio inútil, que nunca edifica e sempre destrói?

Protege-se quem assassina, elogia-se a polícia quando ela exorbita e...

E' certo que a vida humana é inviolável, mas para que dá o Estado o exemplo, premiando Zeferino da Silva, acusado de ter assassinado um operário honesto, com um emprego chorudo no Brasil? O Estado a dar a fugir a um homem quando ele é acusado dum crime gravíssimo!

Então, em vez de o prender, põe-o a salvo da acção da justiça e enche-lhe os bolsos de dinheiro? Como podem chamar «inimigos da sociedade» aos autores de atentados os que foram para o parlamento elogiá-la polícia que, na última greve geral, matou criaturas pacíficas, que nenhum delicto cometeram? Isto não é defender os atentados pessoais que eu classifico, simplesmente, de abomináveis, mas lamentar que «os de cima» mantenham uma atitude que, em vez de os evitar, os provoca. A existência de carrascos, implica logicamente a existência de vítimas; não é assim?

Concordamos e pronunciamos de chofre a seguinte pergunta:

— E' verdade que se pensa em organizar o «fascismo» em Portugal?

— Mas isso é um disparate inconcebível. O «fascismo», neste país, pode quando muito servir para assunto das chamadas revistas de ano. Está bom para auxiliar revisiteiros, mas, a sério, sob o ponto de vista político-social, é, repito-o, um disparate inconcebível. Só por ignorância e perversidade se pode preconizar a formação de mais uma organização secreta destinada a perturbar a ordem, numa sociedade como esta já tão contaminada de desvairamento. O «fascismo» não se fundou em Itália para impedir atentados, mas sim para evitar que o Estado fique nas mãos dos comunistas. Em Itália, o «fascismo» deriva da reacção nacionalista que a guerra provocou e os «fascistas» são, como sabem, ex-combatentes. Eles querem fundar um império nacionalista e é bom não esquecer que o seu ódio político atinge o partido popular católico, seu rival na luta para a conquista do poder cujos filiados eles atacam a tiro à saída da igreja. Agora, aqui, isso seria ridículo. Ainda há dias, ouvi a um ex-alferes que, gastou milhares de escudos para não ir para a guerra, defender o «fascismo». E, depois, trilha muita graça ver o «nosso» dr. Ferreira de Sousa, armado em Mussolini!

— Os agentes dessa corporação são cobardes, estúpidos e venais, o que longe de evitar atentados ainda são eles quem os provoca. Não sou favorável a uma organização de «somatenes» como a de Barcelona. Ela daria resultados contraproducentes. Se a existis-

se da polícia privativa da Patronal deu origem a atentados, o que sucederia se esse bando mercenário começasse a actuar violentamente.

«Porém, se fossem postas em prática determinadas medidas, os atentados não se reproduziriam.

— E esses meios, seriam...

— ... Arejar o governo civil, reformar a polícia e evitar as prisões iníquas, absurdas. Acabar com as prisões por avença como agora se faz. Não esquecendo também que os crimes das autoridades e dos governantes passariam a ser castigados e não a ficarem impunes, como tem acontecido. Devia ser anulada a lei de 1893 que regula a liberdade de reunião, de forma a ser facultada uma ampla e livre discussão para todas as escolas políticas, filosóficas e sociais, desde as mais retrógradas às mais avançadas.

A Confederação Patronal para arranjar dinheiro ameaçava de morte banqueiros e industriais

Houve um silêncio. Depois a conversa enveredou para outro rumo. O nosso entrevistado passou a analisar a Confederação Patronal:

— E' uma rateira armada aos incautos comerciantes, afim deles concorrerem com quantias fabulosas para sustentar a gente capulposa e ignorante que está enfiada nas secções comerciais e de informação policial. Ela pede também dinheiro para sustentar jornais afim destes a defenderem, atacando a C. G. T. Calcule que chegou a elaborar listas com nomes de banqueiros e industriais e que eram ameaçados de morte! Isto com o objectivo de os forçar a ser contribuintes. Chegaram a ser escritas cartas, ameaçando de morte alguns industriais do mobiliário que romperam o *lock-out* por ela declarado. E os governos, que se afirmam amantes da legalidade, não encerram uma sociedade organizada secretamente, — perigosíssima até para a ordem de coisas estabelecida!

A entrevista finaliza nesta última frase. A falta de espaço impede-nos de dar maior latitude à conversação havida com o sr. Damião dos Santos. Assim tivemos de fazer omissões, sendo uma delas as ideias que o nosso entrevistado expendeu sobre uma organização de patrões, organização essa que, no seu entender, teria fins e usaria de meios diametralmente opostos aos que tem e usa a Confederação Patronal.

A polícia da Patronal, imitação dos «somatenes» de Barcelona

— E quanto aos «somatenes»...

— ... aos «somatenes»?

— Então não é um arremedo de «somatenes» a corporação policial da Confederação Patronal?

Concordamos. O sr. Damião dos Santos continuou:

— Os agentes dessa corporação são cobardes, estúpidos e venais, o que longe de evitar atentados ainda são eles quem os provoca. Não sou favorável a uma organização de «somatenes» como a de Barcelona. Ela daria resultados contraproducentes. Se a existis-

Até que enfim!

Desoprimam-se os corações anciosos por saber qual será o novo folhetim, cuja publicação há tanto tempo vem sendo anunciada!

Regalem-se os curiosos que tantas perguntas nos fizeram e tanto se deitaram a adivinhar!

Saluam todos, homens e mulheres, velhos e jovens, crédulos e incrédulos, camaradas e simpatizantes, sindicados e não sindicados, pobres e ricos, plebeus e aristocratas que o autor do novo folhetim é

Emilio Zola

O fecundo autor de tantas maravilhas literárias mundialmente conhecidas; o cantor destemido das misérias, das tares, das realidades vivas da sociedade corrupta e envelhecida; o homem que soube proclamar a Verdade num ambiente saturado de convencionalismo doente e enervante, arrostando com o ódio daqueles que na sombra tenebrosa brandem o gládio da calúnia e da mentira.

O novo folhetim

E' uma das produções mais ricas em sensações fortes, rejuvenescedoras, dignificantes; é ao mesmo tempo um mimo de literatura e de esperanças realistas para o futuro e em que é divinamente cantada a glória redentora da mulher transviada e do homem escravo do preconceito e do salário.

O Trabalho

Eis o novo romance, conhecido de muitos, mas desconhecido da maior parte, e que por isso mesmo escolhemos para

Novo folhetim

Certos de que prestaremos um dos melhores e mais úteis serviços na obra de vulgarização das boas obras e dos bons autores, cujos livros estão esgotados no mercado.

E agora, para mais os arrefirmos, ficam sabendo que

O TRABALHO

principiará já a ser publicado

AMANHÃ

Satisfazendo assim o desejo de muitos dos nossos queridos leitores que sabemos não nos perdoarem por os fazermos esperar tanto tempo...

A' solidariedade operária

Encontra-se nas prisões grande número de camaradas encaerados por questões sociais. Estão eles sofrendo, além das torturas derivadas da perda da liberdade, as torturas dolorosas das necessidades por que estão passando. O dever de todos os operários conscientes é contribuir para que as suas cruciantes necessidades económicas sejam minoradas.

Na Calçada do Combro, 38-A, 2.º encontram-se hoje alguns membros da comissão pró-presos, para receber o urgente auxílio que em nome da solidariedade social aos presos deve ser concedido.

SOLIDARIEDADE

Reúne hoje, às 21 horas, o grupo de solidariedade dos manufatureiros de calçada para deliberar sobre assuntos de carácter inadiável.

— Pade-nos o camarada António Guilherme que declaramos ter recebido 121\$92 proveniente de quotas tiradas por vários camaradas em diversas obras do Monte Estoril, Estoril e Cascais.

Ainda o Congresso Marítimo

A Associação dos Descarregadores do Barreiro adere às resoluções do Congresso e à C. G. T.

No relato das sessões do II Congresso Marítimo tiveram os leitores ocasião de verificar que o delegado da Associação dos Descarregadores do Barreiro, não só não quiz votar a adesão à C. G. T. como acabou por abandonar o mesmo Congresso entre os justos protestos do mesmo.

Pois aquela Associação acaba de comunicar para a Federação Marítima e secretária geral da C. G. T. que a mesma, reunida em assembleia geral, acaba de exprobar o procedimento do delegado que, representando-a no referido Congresso, exorbitou do seu mandato.

Mais deliberou aquela associação aderir às resoluções do Congresso, à Federação Marítima e à C. G. T., aderindo igualmente ao Congresso Operário Nacional.

E' uma atitude digna de registro.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL SINDICALISTA

Já se encontra à venda, ao diminuído preço de 2\$00, o valiosíssimo volume, acompanhado dum interessante gráfico-esquema da organização moderna que melhor corresponde às necessidades actuais do proletariado militante.

Nenhum militante, operário algum, mais ou menos estudioso, de Lisboa ou da província, deverá deixar de ler e desde já com atenção tam valioso trabalho.

Organização Social Sindicalista

Encerra ensinamentos da mais palpitante actualidade. Tratando questões que se prendem com teses que vão ser presentes ao próximo Congresso Operário Nacional, a sua leitura é especialmente recomendada aos seus delegados, que assim melhor se habilitarão a tratar as questões que são chamados a resolver.

Organização Social Sindicalista

Está desde já à venda na administração de «A BATALHA» e no Porto, em casa de Darwin Castelhana, rua de S. João Ildefonso, 282, onde se encontram à venda outras publicações de carácter social.

Aos camaradas da província

que desejem adquirir o livro que a comissão organizadora do Congresso acaba de editar «Organização Social Sindicalista» podem fazê-lo enviando a quantia de 2\$20 para lhes ser enviado pelo correio sob registro.

A'S PORTAS DO CONGRESSO

ADOPTEMOS O ESPERANTO!

Um dos problemas que, mais vivamente, agita a opinião avançada de todos os países é o das relações internacionais. Há, evidentemente, um grande desejo de estabelecer uma coesão internacional, e apesar da existência de correntes diversas, não cançam esses esforços, não esmorece a energia das diversas facções no sentido de atingir o seu desideratum.

Contudo, vejo com admiração que, sobre o aplanamento das dificuldades linguísticas, um dos males maiores — se não o maior obstáculo para o estreitamento das relações internacionais — nem uma palavra se pronuncia, nem uma linha se escreve. Não estarão, os que defendem a adopção dum idioma internacional, na posse duma verdade incontestável? Estão — dizem-me todos aqueles que ao actual assunto prestam as suas atenções. E contudo...

Que me lembre, só o congresso ferroviário, na tese de Miguel Correia: «Relações internacionais, apreciação, como *il faut*», — como se devia sempre apreciar — o problema no seu duplo aspecto: orgânico e linguístico. E embora as conclusões da tese mereçam reparos, — porque ainda enfermavam dum mal que combaterei com vigor — eu indico aos militantes, aos sindicalistas, como homens de acção, de realizações práticas, quem produzir uma obra útil para a sua concepção internacionalista. Este exemplo que por proficuo deve ser adoptado:

Estabelecendo a divisa: A internacional sindicalista deve adoptar uma *lingua internacional*. Como se poderão fazer ouvir, nos Congressos, os finlandeses, os polacos, os suecos, os dinamarqueses, os holandeses, os húngaros, os lituanos, os chineses, os iugoslavos, os romenos, os turcos, e tantos outros? Expressando-se no seu idioma? Parece-me que a só apresentação desta hipótese te faz sorrir, camarada leitor. Aceitar o francês, o inglês e o alemão para esse efeito? Diz-me, camarada, que regressas do trabalho exausto — porque, apesar de tudo, não perdes o vício de fazer horas extraordinárias, — onde tens forças para, disposição intelectual para te dedicares a aprendizagem daqueles idiomas só — dado que não queiras aprender todos os existentes. E quantos anos gastarias para conseguir aperfeiçoar-te nos idiomas estudados? E não te pergunto mais nada.

Se pudesse falar com o sr. Berard, em vez de o increpar, eu dir-lhe-ia: «Expléndido, sr. Ministro, espléndido! Apreciei a sua franqueza e a maneira de atacar um problema que traz graves prejuízos — para si. Só lastimo que esta linha não valia aproveitar os meus camaradas nos ataques à civilização que tam largas venturas acarreta — para si».

Ataques destes orgulhamo-nos de registar, e são a mais segura prova de que o Esperanto abala as bases duma civilização putrefacta, em decomposição.

Nun próximo artigo heu entrarei nos detalhes deste problema, quer dizer, na maneira de todos os revolucionários adquirirem os conhecimentos necessários para estreitarem, num grande abraço espiritual, os irmãos, os camaradas que, além, aneiam ver mais além das barreiras capitalistas!

José ANTUNES

TENHAM JUÍZINHO

Uma «gracinha», nada engraçada

Quem quer que se lembrou de brincar connosco, enviou-nos a seguinte carta, que publicamos sem alteração duma vírgula para desopilarmos um pouco:

Ilmo Sr. Director principal do jornal A Batalha.

Como sendo esse jornal, um dos mais cotados entre o meio socialista, em Portugal, viemos avisar-lo de que a exemplo do que se fez em Itália; e em França, se fundou em Portugal um agrupamento, denominado, Grupo Nacional Fascista, composto por antigos republicanos, que veem dia, a dia, definir-se a Patria nas mãos de meia dúzia de pessoas que para saciarem os seus instintos maléficos não se importam de a rebalar, à lama, pondo em perigo uma nação que outrora serviu de exemplo ao mundo.

Não queremos dizer que V. pertença a essa classe de gente, que se chamam os Bolchevistas, mas não ha duvida, que tem sido o seu jornal um dos principais instigadores, ao bolchevismo em Portugal. Não julgue V. que este Grupo que há muito tempo se estava organizando tem alguma coisa com a Confederação Patronal, não tem, ha muitos elementos neste Grupo que V. conhece pessoalmente, não o avisamos com o intuito de o ameaçar, mas sim com o de prevenir, pois não queremos que crimes que até agora tem ficado impunes o continuem a ficar, pela pouca experiência que a polícia tem, também não dispomos dos meios que os nossos congeneres possuem em Itália e França, mas com os que possuímos contamos debelar alguma parte do mal; que cada vez vai tomando maiores proporções em Portugal, por enquanto não pensamos entrar em actividade, pois ainda faltam uns pequenos retoques na nossa organização, mas brevemente ouviremos falar de nós.

Sem outro assunto

O Chefe do «Grupo Nacional Fascista»

Na «cachimónia» de quem se lembrou da brincadeira é que faltam uns retoques...

Pró-jovens sindicalistas presos

Encontra-se hoje, das 21 horas em diante, na sede do N. J. S. de Lisboa, Calçada do Combro, 38-A, 2.º, um delegado da comissão federal para receber os donativos destinados aos jovens sindicalistas vítimas da reacção burguesa.

A comissão apela para todos os camaradas, que saibam compreender a grandeza do sacrificio por uma causa justa, que abram hoje «quêtes» nos lugares de trabalho. — A comissão federal de auxílio aos jovens sindicalistas presos.

Arsenal da Marinha

Foi nomeado para proceder ao inquérito do incidente de terça-feira, o capitão de mar e guerra sr. Nascimento Trigo.

— O contra-torpedeiro «Támeza» deve ser lançado ao mar no dia 20 de outubro.

1.º Congresso da C. G. T. Unitária

realizado em Saint-Etienne de 26 de Junho a 1 de Julho

Se os comunistas tomaram a iniciativa de criar uma Internacional Sindical, era com o fim de que as diferentes formas revolucionárias do movimento operário pudessem agrupar-se e, sem renunciar às acções e às particularidades que as distinguem, agir conjuntamente e preparar a destruição do capitalismo. Pode-se que os seus projectos sejam inaceitáveis para a C. G. T. U.

III — A Internacional Comunista e a Internacional Sindical Vermelha

A burguesia constitui uma potente força internacional, contra a qual não se pode lutar senão no plano internacional. Daí a necessidade de agir em conjunto, e de desenvolver em comum todas as forças proletárias revolucionárias que estão organizadas no plano internacional. Eis porque o primeiro Congresso estabeleceu uma representação mútua entre a I. C. e a I. S. V., para a coordenação da luta contra a burguesia.

Esta representação mútua, levantou objecções em França: uns, consideravam-na uma subordinação; outros, repeliem a decisão tomada, pela razão de que a I. S. V. ligava a sua sorte à de uma organização cujo espírito revolucionário estava sujeito a caução, em razão do seu carácter político. Contudo, a representação mútua comporta uma ideia de subordinação, ela subordina igualmente as duas partes. Poder-se-ia falar aqui de sujeição mútua, se houvesse empenho em empregar esta terminologia. Para evitar de reflectir no problema da concentração de todas as forças revolucionárias, tem-se abusado muito das palavras «sujeição, subordinação», e os que inventaram esta terminologia, julgam ter prestado algum

serviço à classe operária. Mas fides, de facto, somente embaraçaram a situação. Se se expressam mal fundadas dúvidas, pelo motivo do futuro espírito revolucionário da I. C., ninguém negará, contudo, que de momento ela é uma imensa força activa da revolução.

E' então possível agir, duma qualquer maneira, no plano internacional — nós falamos de acção e não de resolução — com a Internacional Comunista? O fim da I. C. é destruir a burguesia e estabelecer a ditadura da classe operária. Como se poderia então conduzir esta tarefa, até a vitória, sem coordenar os esforços? Como se podia estabelecer uma dependência absoluta quando a lógica exige, no interesse do proletariado e da Revolução, uma acção comum, e manifestações comuns?

Se antes da guerra foi permitido pensar que a carta de Amiens poderia proteger a organização operária, contra a fofoncia e a traição, após a guerra é inadmissível que se continue fazendo «jogo» com o termo «político». Todos sabem que a C. G. T., se encontrou bruscamente enlaçada com o partido socialista, em um charco. Tiveram a possibilidade na traição. E' duvidoso que se possa achar no meio de vós um homem que prefira os operários Jouhaux e Merheim aos intelectuais comunistas Liebknecht e Rosa Luxemburgo. A guerra modificou tal maneira o movimento operário, que os que se apegam ainda às velhas fórmulas, arriscam-se a fazer retrogradar o movimento desenhado de anos. A guerra e a Revolução cavaram um fosso no movimento operário. Dois campos estão formados: O dos partidários da Revolução social e da ditadura do proletariado e o campo oposto.

Desgraçados dos que se recusam a tomar posição, e procuram nas questões

de pura forma a maneira de desfigurar o carácter essencial da luta.

O centro de gravidade da questão, está para nós na acção comum da I. C. e da I. S. V. Ao passo que a representação mútua, não apresenta senão um interesse secundário. O segundo Congresso examinará a proposição feita pelas organizações sindicais, para suprimir a representação mútua, isto é, anular o artigo XI dos estatutos. Sem querer, nem poder resolver antecipadamente, uma questão que depende unicamente do Congresso, nós queremos prever-vos se a conservação do artigo XI dos estatutos é uma razão suficiente para que vós fiquéis isolados? Mas, em uma Internacional sindical, há sempre um certo número de organizações, às quais tal ou tal parágrafo, tal ou tal resolução, desagrada. Se estas organizações seguissem o caminho indicado pela C. G. T. U., e por seu turno apresentassem ultimatum sobre ultimatum, que resultado se teria? Teríamos uma Internacional revolucionária de acção, ou uma sociedade internacional de amadores da independência?

IV) De uma nova Internacional Anarquista-Sindical

Haveria, certamente, ainda uma saída:

no caso em que o ultimatum não fosse aceite, seria criada uma nova Internacional anarquista-sindicalista, que se compunha de homens que partilhassem todos o mesmo ponto de vista. Porém, esta solução apresentaria um grandíssimo perigo. O sindicalismo, como doutrina, não forma uma entidade, — ele não foi talhado em bloco na pedra. Há três correntes distintas no sindicalismo, e o primeiro resultado da criação duma nova Internacional seria a scisão no interior das organizações sindicais, que são, como todos sabem, pouco numerosas.

A nova Internacional, que se apoiaria nos países latinos, sobre as novas organizações enfraquecidas pela scisão, não seria senão uma sombra de Internacional. E' verdade que neste meio toda a gente poderia dizer-se autônoma, mas isso seria a autonomia da inacção e a independência da fraqueza.

Esta nova Internacional, de todas a mais independente no mundo, seria pelo menos contra a «política», que tanto apavora um certo número de militantes franceses? Não! A nova Internacional estaria, de certo, inteiramente entregue aos anarquistas, que lá introduziriam a sua política, lá fariam passar a sua doutrina e as suas opiniões sob a máscara de independência. Pode-se afir-

mar antecipadamente, que esta Internacional, a mais independente do mundo inteiro, não teria nada de terrível para a burguesia, que não receia nada as frases. Com efeito, a nova Internacional não poderia pôr senão as resoluções contra o capitalismo internacional, particularmente organizado.

Além disso, camaradas, deve-se observar que as Internacionais não bricam, com cogumelos, após a chuva. No movimento obreiro mundial, não há lugar para duas Internacionais revolucionárias. Se vós tentásseis constituir uma Internacional de dissidentes, constatareis bem depressa que o nosso ponto de vista era o verdadeiro. Vós encontrar-vos-íeis presos entre Amsterdã e Moscou; vós ocuparíeis uma situação média entre a Revolução e a Reacção. E como nos países latinos não há ainda, infelizmente, a Revolução, vós não conseguiríeis criar uma Internacional revolucionária, viva, tirando a sua força da experiência revolucionária e constituindo um instrumento sólido para a ofensiva contra a classe inimiga.

V — Da frente única revolucionária

Que fazer então? Primeiro que tudo, criar uma frente única do movimento

sindical revolucionário. A frente foi rompida, mas não por nossa culpa; nós dirigimo-nos vários vezes aos sindicatos revolucionários de França, propondo-lhes um acordo fraternal; porém, chocamo-nos sempre com suspeitas e desconfiança. Criar uma frente única revolucionária, é formar o bloco dos comunistas e dos sindicalistas revolucionários.

A I. S. V. constitui o bloco, a união dessas duas torrentes revolucionárias do movimento obreiro mundial. A diversidade de opiniões sobre toda uma série de questões, não deve, não pode impedir a unidade de acção numa só Internacional.

Só num cemitério é que reina a calma perfeita e a «unanimidade» completa. No organismo operário, vivo e pleno de força que a I. S. V. representa, a luta das ideias prossegue, a experiência dos diferentes países será feita em comum; novas questões surgirão das controvérsias e agitarão as massas operárias. Isto é a vida mesmo, é a luta.

A Internacional poderá sair indemne destes conflitos de opinião e de ideias, se houver um mínimo de «entente» a respeito dos princípios fundamentais e das vias que possam conduzir mais directamente à Revolução social e ao estabelecimento durante o período transitório, duma ditadura da classe operária. Este mínimo de unidade existe?

Parece-nos que sim; e é para nós uma obrigação marchar com os operários revolucionários dos outros países. Seria um crime contra o proletariado francês e a Internacional se vós ficásseis fora do centro mundial do movimento sindical revolucionário, fora da Internacional Sindical Vermelha.

VI — Unidade do movimento sindical

Os sindicatos ficaram unidos durante a guerra, mas após a guerra as scisões produziram-se.

Por que razões? Por esta razão bem simples: é que os dirigentes do movimento sindical continuaram conduzindo uma política de união sagrada e de colaboração de classes. Sentindo vir uma resistência, cada vez mais grande, da parte dos operários, os reformistas resolveram recorrer à scisão, só com o fim de conservar uma organização oficial da classe operária, submetida à influência das ideias e da política da burguesia.

A Internacional de Amsterdã, operando em ligação com a Sociedade das Nações, realizou, em cada país, a sua política por intermédio de homens que pertenciam aos governos burgueses.

O vice-presidente da Internacional de Amsterdã, sr. Jouhaux, tomou para ele a grande honra de realizar o velho sonho da burguesia francesa, provocando uma scisão na C. G. T. Vós intaisseis contra a scisão, e não a podendo evitar, desisteis à organização por vós criada, o nome de Unitária. Nós ficamos então muito admirados, por conhecermos que no meio de vós havia um grande número de adversários da frente única.

O nosso espanto tem sido tanto maior quanto é certo que a resolução do Conselho Central da I. S. V., respeitante à frente única proletária, contra a ofensiva do Capital, não tinha levantado nenhuma objecção.

(Continua)

PRO-“A BATALHA”

Grandiosa excursão ao Seixal

A grande comissão pró-A Batalha, promotora da excursão ao Seixal, com percurso a Cacilhas e à Barra, que se realiza no próximo dia 24 de Setembro, está bastante animada pela maneira como a venda de bilhetes continua sendo feita com interesse.

O programa é o seguinte:

A's 7 e meia. — Embarque no Cais do Sodré, nos barcos *Alfalaia* e *Izabel*, os quais se dirigirão a Cacilhas para receber a excelente Filarmónica Incrível Almadaense e com percurso pela Barra em direcção ao Seixal.

Chegada ao Seixal. — Recepção aos excursionistas pelas crianças da escola operária do Seixal, sendo em seguida dadas as boas-vindas num recinto próximo onde se realizará uma sessão solene, em que farão uso da palavra alguns oradores do movimento operário.

No mesmo recinto os excursionistas realizarão um interessante piquenique.

A's 15 horas. — Espectáculo ao ar livre, pelo distinto Club Recreativo *Os Choras*, com a representação das seguintes peças sociais: *Vagabundo*, drama em 1 acto; *Degenerados*, farça em 1 acto; *Desperdiço*, apêndice dramático social.

Trabalhos de Iluminismo por Ling Constantino. Tomarão parte alguns cultores do fado.

A's 19 horas. — Regresso dos excursionistas a Lisboa.

Todos os menores dos 4 aos 12 anos pagarão, à entrada no vapor, uma senha por \$50.

AS GREVES

Metalúrgicos da firma José Maria Pires

A greve do pessoal desta firma industrial, parece tornar-se interminável pelo motivo da intransigência do respectivo patrão.

Este que se encontra no paraíso thermal das Caldas da Rainha espera que o seu pessoal se renda pela fome curando-se ao seu capricho, o que decerto não sucederá, porquanto o mesmo não se encontra na disposição de se manter na mesma atitude o tempo que preciso for.

Os camaradas metalúrgicos continuão a prestar solidariedade aos grevistas não os traíndo gesto, esse que o sindicato registará.

Operários taneiros

NOTA OFICIOSA

Continua sem solução a greve dos operários taneiros no vazilhame estrangeiro iniciada em 4 do corrente.

Esta comissão constata a perfeita solidariedade de todo o pessoal, pois através de todos os sacrifícios está disposta a vencer.

São animadoras as notícias vindas da província; o movimento já é quasi nacional.

Aderiram mais as seguintes localidades: Caldas da Rainha, Alhandra, Alcochete, S. Mamede e Vila Franca de Xira, perfazendo assim 14 localidades que votaram a greve.

Camaradas: Constatamos mais violências sobre o pessoal que se recusa a abandonar tam activo movimento, pois afirma A. T. Pereira, Limitada, acaba de despedir os moços do seu armazém por se recusarem a rebater «quartolas» estrangeiras. E' o primeiro gesto de solidariedade que se nota naqueles camaradas. Esta comissão vai tratar da sua situação. Notamos mais que os governos mancomunados com os exportadores pretendem prolongar o movimento, afim de o fazer fracassar. Isto que nos sirva de exemplo para mais uma vez sabermos que só podemos contar com o nosso próprio esforço.

Avante, camaradas!

Firmes até à vitória final!

Viva a classe dos taneiros!

A Comissão Central

Em Almada

ALMADA, 22. — Os operários carpinteiros da Fábrica Semington reclamaram o aumento de 3800 nos seus ordenados, para fazerem face ao constante aumento do custo da vida.

Não o entenderam assim o senhor Salgado, gerente da referida fábrica, não atendendo a reclamação daqueles nossos camaradas, o que os levou a declarar a greve, para fazer valer os seus direitos.

E' sempre a mesma a forma dos nobres industriais resolverem os conflitos

Classes que reclamam

Importante reunião dos corticeiros de Almada

Para tomar conhecimento da resposta da Associação Industrial (secção corticeira) às reclamações formuladas pela classe corticeira, reuniram em assembleia magna os corticeiros desta localidade.

Fizeram uso da palavra vários camaradas e entre estes delegados da respectiva Federação de Indústria que afirmaram ter os industriais proposto o horário de dez horas, pois que assim conseguiriam os operários ver o seu salário aumentado.

No meio da maior indignação a classe repeliu tam habilidosa oferta, aprovando uma moção com as seguintes conclusões: Repudiarmos a oferta dos industriais; 2.º Cumprir integralmente o horário das 8 horas, não se trabalhando mais, tanto nas grandes como pequenas fábricas, o que actualmente não sucede na pequena fabrica; 3.º Que ao menor pretexto de traição ao horário a classe se levante, indo junto dos traidores demonstrar a sua repulsa contra tam ignóbil traição; 4.º Dar o seu incondicional apoio à Federação Corticeira, para esta levar à prática o movimento geral, já votado em principio; 5.º Não desistir das reclamações formuladas.

Corticeiros de Belém

Reuniram hoje em assembleia geral os operários corticeiros desta área, para apreciar a resposta dos industriais ao complemento de uma reclamação de aumento de salário. Depois de vários camaradas fazerem uso da palavra escalpando a atitude dos industriais em propor mais 2 horas de trabalho, foi por fim aprovada por unanimidade uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Repelir a proposta das 2 horas de trabalho oferecidas pelos industriais, fazendo ouvir e sentir o seu gesto de protesto com toda a energia que o caso require.

2.º Solidarizar-se incondicionalmente com a atitude da Federação dando-lhe todo o apoio de que a mesma careça para uma reconhecida e imediata dos industriais, e que a mesma formule uma nova reclamação de aumento de salário em conformidade com as exigências da carestia da vida.

3.º Atuar de forma a evitar que surjam casos, da parte dos industriais ou operários que tendam desrespeitos às 8 horas.

Corticeiros de Lisboa

Para apreciar a resposta dos industriais às reclamações da classe e entre estas a do aumento de salário, reuniram em assembleia magna no passado dia 21.

Entre outros, falaram os delegados da Federação que, minuciosamente, expuseram o resultado das demarches até agora efectuadas.

Negam os industriais o conceder qualquer aumento, oferecendo porém mais duas horas de trabalho.

Tal oferta foi recebida com repulsa por toda a assembleia, tendo a mesma manifestado a disposição de manter integro o horário das 8 horas.

Resolveu mais, dar todo o seu apoio moral e material à sua Federação, bem como abrir quotas pró-presos sociais.

A voz da Cadeia

A solidariedade prestada aos presos por questões sociais

Uma quebra tirada pelos descarregadores de mar e terra, de Almada, 32840; outra nas obras de Alfete, pelo camarada Trabuco, 17550; comissão Pró-Presos, 200800; camaradas que vieram de visita ao grupo B, 25550; camaradas de visita ao grupo C, 13570; camaradas de visita à sala de entrados, 6870, e importância em tabaco, 10550. Soma, 312350.

Foram enviados pelo camarada Moura, de Alcochete, dois caixotes de fruta para os presos sociais.

Previnimos também todos os camaradas que queiram auxiliar que o podem fazer, enviando quaisquer donativos para o grupo B, ao camarada Manuel Vieira.

Pedimos a todos os camaradas que tirem quotas que não as retardem em seu poder pois que a nossa situação se vai agravando de dia para dia cada vez mais.

Camaradas: não ceceieis quem está preso, cumpri o nosso dever!

Os 50 presos por questões sociais.

Coliseu dos Recreios
HOJE — A's 20,30 e 22,30 — HOJE
Penúltimas representações da célebre revista
PICA-PAU
que sai de scena em pleno triunfo por compromissos anteriormente tomados. — Exito enorme de
ANITA SALAMBO, CARLOS LEAL, ZULMIRA MILANO, MARIA LITTA, LY e ALFREDO RUAS
— O adeus a Lisboa
Só hoje e amanhã a revista
PICA-PAU
2.ª feira, 25 de Setembro — 1.ª representação nesta época da revista
TIC-TAC
Remodelada e transformada com novos números, novos quadros e uma lixiosa e deslumbrante montagem completamente nova. — O polígrafo 1001, pelo popular actor Carlos Leal e o comperce, pelo distinto actor Alvaro Pereira.

U. S. O.

Conselho de Delegados

Reúnem o conselho de delegados com a representação dos seguintes sindicatos: S. U. da Construção Civil, Impressores Tipográficos, Manipuladores de Pão, Corticeiros de Belém, S. U. Mobiliário, Corticeiros do Poço do Bispo, S. U. Metalúrgico, Rurais de Lisboa, Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, Operários Alfaiates, Compositores Tipográficos, Operários do Município, Confeiteiros e Pastelheiros, Operários Chapeleiros, Distribuidores de Jornais, Manufactores de Calçado, Manipuladores de Borracha.

Antes da ordem dos trabalhos trataram-se de vários assuntos, cuja resolução ficou para a comissão administrativa dar cumprimento. Entrando-se na ordem da noite o secretário geral relata o que se passou na última reunião da comissão administrativa, em que a propósito de irem três ou um delegado ao Congresso, houve divergências de opinião em vista da situação financeira que actualmente atravessa a União.

Sobre este assunto manifestaram-se quasi todos os delegados, resolvendo-se ao fim de muita discussão que esta União se faça representar no 3.º Congresso Nacional Operário, nos termos da seguinte proposta apresentada pelo delegado dos compositores tipográficos aprovada por maioria e em votação nominal.

«Ouvindo que foi o tesoureiro da U. S. O. sobre os fundos da mesma União constata-se que esses fundos não existem, existindo antes um deficit, e tornando-se necessário enviar delegação ao Congresso Nacional Operário era desejo da U. S. O. enviar três delegados, mas as condições em que esta União se encontra inibem-na de enviar mais do que um delegado, mas que presida à sua escolha um ponderado critério».

Em seguida procedeu-se à nomeação, que recaiu no secretário geral.

Por proposta do delegado dos mobiliários, ficou para o próximo conselho a discussão da alteração dos estatutos desta União na parte que diz respeito ao número de representação dos sindicatos, para o conselho poder reunir.

Em Viana do Castelo

Nova greve infantil? Uma atitude digna que serve de exemplo aos adultos

Viana do Castelo, 21

Devem estar lembrados os leitores de A Batalha de há meses me referir a uma greve feita pelos pequenos rapazes que trabalhavam nas obras da montanha de Santa Luzia porque o gerente da empresa que explora aquela pitoresca serra tinha por uso e costume partir-lhes a bengala — a que se apoiavam — de ingratitude duma pena que teimou em ser mais curta que a sua irmã gêmea — nas suas frágeis costas, o que tornava bem manifesta a covardia dos operários adultos que ali trabalhavam. Quando o coxo cometa a habitual façanha abandonaram todos o trabalho e partiram, caminho abaixo, os vivos à greve pois que, ninguém se interessando por eles, actuavam directamente contra a tirania do mauco.

Agora o caso, embora idêntico, é outro. Apreciando a insuficiência do seu salário combinaram uma reunião e, anteontem, na sede do Sindicato de Canteleros e Pedreiros, do qual fazem parte, nomearam entre si um presidente e respectivos secretários e, após

TEATRO SALÃO FOZ
EMPRESA EMAUZ
Companhia Beatriz d'Almeida - Jaime Zenóglio
HOJE — SABADO — HOJE
A farça em 3 actos
Sou... ou não sou?
A BILHETEIRA ABRE ÀS 12 HORAS

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal.

Reúnem o secretariado tomando resoluções sobre questões administrativas e assumos que dizem respeito ao Congresso Nacional Operário e Conferência Gráfica. O secretariado lembra aos delegados gráficos a conveniência de embarcarem juntos a fim de trocarem impressões antes da reunião do Congresso. A Associação dos Fabricantes de Papel de Tomar comunicou que reúne amanhã em assembleia geral para resolver sobre o Congresso, Conferência Gráfica, aumento de salário e outros assuntos de interesse para aquela chesse. O secretariado constata a impossibilidade de fazer publicar O Gráfico antes do fim do mês e reconhecendo que a sua publicação é de maior vantagem após a reunião da Conferência, resolveu começar a sua regular publicação em Outubro.

Compositores Tipográficos. — Para apreciar a momentosa questão das acumulações reuniram ontem, em assembleia geral, os Compositores Tipográficos, na sua sede social. Esta assembleia é a continuação da de terça-feira, que devido ao adiamento da hora tinha ficado suspensa.

Usaram da palavra Raul Ernesto Dias, Joaquim Castelo, Domingos dos Santos e Alfredo Rodrigues, que verberaram energicamente o procedimento de todos aqueles que estão acumulando em detrimento dos seus colegas sem trabalho. Todos os oradores são unânimes em classificar de imoral as acumulações, que não se justificam, visto haver muitos operários sem trabalho.

Raul Ernesto Dias apresenta uma moção com diversos considerandos, dando plenos poderes às direcções de expulsar de sócios todos os indivíduos que, depois de convidados, por estas, a definirem a sua situação, continuem acumulando.

Domingos Santos apresenta um adiamento à moção, impedindo a entrada nos jornais aos indivíduos que forem expulsos por esse motivo.

Como fosse adiada a hora para resolver o caminho a seguir sobre o assunto em discussão, ficou suspensa a assembleia, continuando na próxima quarta-feira 27, pelas 18 horas, onde será debatida a moção e o adiamento.

Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa. — Reúnem hoje o pessoal da Exploração do Porto de Lisboa a fim da comissão de melhoramentos dar conta dos seus trabalhos.

Foi apreciada a resposta do Conselho de Administração não sendo aceite o

constituída a mesa, discutiram e resolveram: reclamar o aumento de 50%; nomear uma comissão para expor as resoluções tomadas à direcção do Sindicato; declarar a greve no caso de não serem atendidas; e quando um propunha um correctivo de 2800 para aquele que, coagido pela família, não respeitasse as resoluções tomadas, outros houve que optavam por um correctivo de «torção de calçada».

A palavra franca, a decisão e conceitos admiráveis preferidos por crianças dão-nos boas esperanças. Oxalá o Sindicato patrocine a reclamação dos milhares e a lição aproveite aos homens — façamos por nossas mãos o que a nós nos diz respeito».

Trabalhadores: A NOVELA VERMELHA

Maria Vitória
A's
9 e 10
LUA NOVA
A festa da actriz EVAN VICOSSO anunciada para hoje, só se realiza em outubro. — 2.ª feira: recitas do bilheteiro Melo

Pró-Congresso da Construção Civil

Sessão de propaganda em Alcácer do Sal

Nesta noite efectuou-se na Associação da Construção Civil uma sessão de propaganda pró-Congresso da Construção Civil e Nacional.

Falou em primeiro lugar Inácio Marques, dirigindo-se aos componentes da sua indústria aos quais convidou a acompanhar a vida sindical e revolucionária de todo o proletariado, encarecendo a importância tanto do congresso cooperativo como do congresso do operariado nacional.

Como na sala se encontrassem muitos trabalhadores rurais aproveitou o ensaio para se lhes dirigir particularmente mostrando-lhes a diferença de classes e incitando-os a organizarem-se, tanto mais que a sua acção social na transição desta para a sociedade futura, é das mais importantes e valiosas.

Procurou demonstrar os horrores da desigualdade social e volta a tratar dos congressos, do valor das suas teses, etc. aconselhando por fim os rurais a organizarem o seu sindicato, condição necessária para a sua emancipação.

João Jorge segue-se-lhe no uso da palavra, procurando demonstrar os crimes que o regime burguês determina, os seus erros, os seus vícios, que só terminarão quando os trabalhadores, unidos como um só homem nos seus organismos sindicais e com a preparação revolucionária conveniente, derrubarem o edifício capitalista e opressor, e destruindo todas as causas do mal estar económico, instituírem a sociedade dos iguais e dos livres.

Aborda a questão das 8 horas de trabalho que tantos sacrificios tem custado a classe operária e que o patronato e o Estado tanto se têm esforçado por aniquilar por meio das horas suplementares, processo com que ludibriam os ingenuos trabalhadores engodando-os com mais uns vinténs ao fim de cada dia.

Trata ainda do valor dos congressos seguindo na mesma ordem de ideias o orador anterior.

Fala ainda Trindade que acha úteis e necessários os congressos dizendo, porém, que o Sindicato está inibido de, neste momento, enviar delegação directa, sendo por último indirecto que a Federação indigite um indirecto.

A sessão terminou aos vivas à C. G. T. à F. N. C. C., à Batalha, etc.

A vitória dos mobiliários

Vae ser festejada com um jantar de confraternização

A ideia da comemoração da última vitória da organização mobiliária com um jantar confraternativo, foi recebida com entusiasmo por todos aqueles que, durante mais de cinco meses, todo o esforço empregaram pela salvaguarda do bom nome da Organização Operária e derrota da famigerada «patronal».

Será uma festa emocionante que além de reunir num modesto jantar criaturas que durante muitas semanas viram os seus lares privados do conforto e alimento, servirá para solidificar mais, se tanto é possível, a solidariedade de já existente entre a família mobiliária.

A comissão já recebeu as primeiras adesões, e hoje, encontra-se na sede do Sindicato, das 19 às 22, para atender a que quizeram inscrever-se.

SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo Dramático Luz e Progresso. — Realiza hoje e amanhã interessantes festas, que constam da representação da peça em 3 actos «O Expectoratório», canção nacional, um acto de variedades, e há concursos de cartas e baile.

Aljustrel — Associação dos Minheiros. Recebem 5570 de uma quota.

Lagos — J. B. Martins. Não podem «Inglês sem mestre» de G. Pereira: Poese-se arranjar o de J. Bensabat. Pelo correio 6830.

Aljustrel — Associação dos Minheiros. Recebem 5570 de uma quota.

"A Batalha" no Pôrto

A roubalheira dos fósforos—Como se explica o prejuízo que tem o consumidor—A fiscalização—O mal dos monopólios—O roubo erigido em lei dos de cima, contra os de baixo

Fala-se para aí na fusão das duas entidades Companhia de Fósforos e Tabacos para, nesta república de imoralidades que nos prometeu terminar com os monopólios ruinosos para o público, se constituir um monopólio mais glorioso do que já existem. Para fundir o exclusivo da Companhia Portuguesa de Fósforos, falta assim uma coisa parecida com dois anos. Era o caso, passado este tempo, para acabar com a indústria livre como em alguns países, onde, talvez, mercê da concorrência, os fósforos são de boa qualidade.

Não supõem, porém, que estamos defendendo qualquer entidade particular que desejaria, findo o monopólio da Companhia Portuguesa de Fósforos, estabelecer-se com uma fábrica daqueles produtos. O que nos leva a bramar é termos comprado uma caixa de fósforos tipo n.º 3 por \$05, quasi todos pegados e de curtas dimensões. Estas roubalheiras constantes da Companhia foforeira, por intermédio da fábrica de Lorde do Ouro—pois lá é que se manipulam os fósforos tipo n.º 3—tem as vezes arreliado o público, que gasta o seu dinheiro e muitas vezes fica sem lume; 2.º porque se inflamam e logo se apagam; 3.º porque às vezes nem chegam a acender-se; 4.º porque a caixa vem ronhada, como a que compramos.

Segundo o artigo 34.º da lei do exclusivo dos fósforos, cada pavio do fósforo de cera tem de ter 35 milímetros de comprimento, quasi o comprimento da caixa, e 2 milímetros de espessura. Pois bem: os fósforos por nós comprados, de corte incerto, não tem esse comprimento, ficando quasi pelo meio da caixa, e ainda menos a espessura devida. 2.º Porque? Há quem diga que isso se deve às belezas dos serviços da empreitada. Quanto menos cilindros meter na máquina, menos tempo o artista perde e, por consequência, mais cortes faz de pavios e mais dinheiro ganha. Não sendo o corte feito consoante a lei determina, o cilindro dura mais tempo na máquina.

A razão de certos fósforos serem inflamáveis e logo se extinguirem, apagam-se, dizem-se esta: os fósforos, depois da molha, tem de estar a secar por um espaço de 24 horas, a fim de ficarem bem secos interiormente. Porém, para que os produtos sejam depressa postos à venda, foram-lhes a sua secca na estufa, às vezes por tempo apenas de duas horas. Assim, ficando um tanto húmidos no interior do fósforo e sendo quasi logo posto à venda, ele inflama-se na parte exterior, que logo é vendida pela humanidade da parte interna! E por isto que, de quando em quando, esgotamos uma caixa sem resultado.

E qual a razão das cabeças dos fósforos virem pegadas umas às outras? Devido à massa não ser preparada em condições, ficando grossa, motivo por que empasa.

Quando ao desfalque dos fósforos de que o consumidor é vítima, como nós, explica-se por estas duas maneiras: há uma oficina de encher quadros, que são colocados nas máquinas onde giram os fios dos pavios; aqueles quadros tem umas travessas, a que lhes dão o nome técnico de varilhas, nas quais, de espaço a espaço, a máquina coloca a quantidade legal de pavios correspondente a uma caixa. Sucede que a máquina tem uma ligeira avaria, um pequeno desequilíbrio, que faz com que um, dois, três ou quatro fios saiam dos seus sítios, andem ligeiros.

Para não perder tempo, porque isso o prejudica na sua empreitada, o operário continua no seu serviço, resultando que em alguns espaços correspondentes ao número de pavios para cada caixa são desfalcados, porque não saem, pelos respectivos buracos, os devidos pavios. Só quando estão muitos pavios fugidos é que o operário se resolve a reparar a avaria, o desequilíbrio. De pois dos quadros, da molha e da secca, aqueles vão para as enchedeiras. Estas tiram das varilhas os fósforos já diminuídos; mas como também o enchimento é por empreitada, acontece que, com a pressa demasiada, cãem ao chão alguns fósforos, que não apanham, pois quanto mais grossas de caixas enchermos mais salário auferem. E assim fica o público desfalcado duas vezes.

Interpretando a letra expressa do regulamento dos serviços internos das fábricas de fósforos, a falta ou excesso de seis fósforos é tolerada; além deste limite, incorre-se em penalidade... Ora o público sabe, por experiência própria, que o excesso nunca o tem, a falta é certíssima e o além do limite é muitíssimas vezes vítima dele. A nossa caixa de fósforos faltavam 12, se derem licença de sermos verdadeiros neste caso...

Ao que parece, ao que afirmam, a falta da caixa dos fósforos deve ser de vidro granito, para maior segurança e maior duração; pois não se faz assim: em vez do vidro emprega-se areia. Daqui resulta que, à sexta fricção, ficam as caixas sem lita.

Os fósforos manufacturados tem de ser reverificados pelo gerente da fábrica, e novamente pesados e contados, conforme o artigo 25.º do regulamento interno das fábricas. 2.º Mas que importa isso ao gerente? A Companhia muito menos, porque isso dá-lhe vantagem: os fósforos caídos no chão são apanhados e vão para outras caixas, sendo pagas duas vezes; e o corte e espessura diminuídos poupam mais material e dão mais lucros...

O regulamento do decreto do exclusivo dos fósforos, cada pavio do fósforo de cera tem de ter 35 milímetros de comprimento, quasi o comprimento da caixa, e 2 milímetros de espessura. Pois bem: os fósforos por nós comprados, de corte incerto, não tem esse comprimento, ficando quasi pelo meio da caixa, e ainda menos a espessura devida. 2.º Porque? Há quem diga que isso se deve às belezas dos serviços da empreitada. Quanto menos cilindros meter na máquina, menos tempo o artista perde e, por consequência, mais cortes faz de pavios e mais dinheiro ganha. Não sendo o corte feito consoante a lei determina, o cilindro dura mais tempo na máquina.

A razão de certos fósforos serem inflamáveis e logo se extinguirem, apagam-se, dizem-se esta: os fósforos, depois da molha, tem de estar a secar por um espaço de 24 horas, a fim de ficarem bem secos interiormente. Porém, para que os produtos sejam depressa postos à venda, foram-lhes a sua secca na estufa, às vezes por tempo apenas de duas horas. Assim, ficando um tanto húmidos no interior do fósforo e sendo quasi logo posto à venda, ele inflama-se na parte exterior, que logo é vendida pela humanidade da parte interna! E por isto que, de quando em quando, esgotamos uma caixa sem resultado.

E qual a razão das cabeças dos fósforos virem pegadas umas às outras? Devido à massa não ser preparada em condições, ficando grossa, motivo por que empasa.

Quando ao desfalque dos fósforos de que o consumidor é vítima, como nós, explica-se por estas duas maneiras: há uma oficina de encher quadros, que são colocados nas máquinas onde giram os fios dos pavios; aqueles quadros tem umas travessas, a que lhes dão o nome técnico de varilhas, nas quais, de espaço a espaço, a máquina coloca a quantidade legal de pavios correspondente a uma caixa. Sucede que a máquina tem uma ligeira avaria, um pequeno desequilíbrio, que faz com que um, dois, três ou quatro fios saiam dos seus sítios, andem ligeiros.

Para não perder tempo, porque isso o prejudica na sua empreitada, o operário continua no seu serviço, resultando que em alguns espaços correspondentes ao número de pavios para cada caixa são desfalcados, porque não saem, pelos respectivos buracos, os devidos pavios. Só quando estão muitos pavios fugidos é que o operário se resolve a reparar a avaria, o desequilíbrio. De pois dos quadros, da molha e da secca, aqueles vão para as enchedeiras. Estas tiram das varilhas os fósforos já diminuídos; mas como também o enchimento é por empreitada, acontece que, com a pressa demasiada, cãem ao chão alguns fósforos, que não apanham, pois quanto mais grossas de caixas enchermos mais salário auferem. E assim fica o público desfalcado duas vezes.

Interpretando a letra expressa do regulamento dos serviços internos das fábricas de fósforos, a falta ou excesso de seis fósforos é tolerada; além deste limite, incorre-se em penalidade... Ora o público sabe, por experiência própria, que o excesso nunca o tem, a falta é certíssima e o além do limite é muitíssimas vezes vítima dele. A nossa caixa de fósforos faltavam 12, se derem licença de sermos verdadeiros neste caso...

Ao que parece, ao que afirmam, a falta da caixa dos fósforos deve ser de vidro granito, para maior segurança e maior duração; pois não se faz assim: em vez do vidro emprega-se areia. Daqui resulta que, à sexta fricção, ficam as caixas sem lita.

Os fósforos manufacturados tem de ser reverificados pelo gerente da fábrica, e novamente pesados e contados, conforme o artigo 25.º do regulamento interno das fábricas. 2.º Mas que importa isso ao gerente? A Companhia muito menos, porque isso dá-lhe vantagem: os fósforos caídos no chão são apanhados e vão para outras caixas, sendo pagas duas vezes; e o corte e espessura diminuídos poupam mais material e dão mais lucros...

O regulamento do decreto do exclusivo dos fósforos, cada pavio do fósforo de cera tem de ter 35 milímetros de comprimento, quasi o comprimento da caixa, e 2 milímetros de espessura. Pois bem: os fósforos por nós comprados, de corte incerto, não tem esse comprimento, ficando quasi pelo meio da caixa, e ainda menos a espessura devida. 2.º Porque? Há quem diga que isso se deve às belezas dos serviços da empreitada. Quanto menos cilindros meter na máquina, menos tempo o artista perde e, por consequência, mais cortes faz de pavios e mais dinheiro ganha. Não sendo o corte feito consoante a lei determina, o cilindro dura mais tempo na máquina.

A razão de certos fósforos serem inflamáveis e logo se extinguirem, apagam-se, dizem-se esta: os fósforos, depois da molha, tem de estar a secar por um espaço de 24 horas, a fim de ficarem bem secos interiormente. Porém, para que os produtos sejam depressa postos à venda, foram-lhes a sua secca na estufa, às vezes por tempo apenas de duas horas. Assim, ficando um tanto húmidos no interior do fósforo e sendo quasi logo posto à venda, ele inflama-se na parte exterior, que logo é vendida pela humanidade da parte interna! E por isto que, de quando em quando, esgotamos uma caixa sem resultado.

E qual a razão das cabeças dos fósforos virem pegadas umas às outras? Devido à massa não ser preparada em condições, ficando grossa, motivo por que empasa.

Quando ao desfalque dos fósforos de que o consumidor é vítima, como nós, explica-se por estas duas maneiras: há uma oficina de encher quadros, que são colocados nas máquinas onde giram os fios dos pavios; aqueles quadros tem umas travessas, a que lhes dão o nome técnico de varilhas, nas quais, de espaço a espaço, a máquina coloca a quantidade legal de pavios correspondente a uma caixa. Sucede que a máquina tem uma ligeira avaria, um pequeno desequilíbrio, que faz com que um, dois, três ou quatro fios saiam dos seus sítios, andem ligeiros.

Para não perder tempo, porque isso o prejudica na sua empreitada, o operário continua no seu serviço, resultando que em alguns espaços correspondentes ao número de pavios para cada caixa são desfalcados, porque não saem, pelos respectivos buracos, os devidos pavios. Só quando estão muitos pavios fugidos é que o operário se resolve a reparar a avaria, o desequilíbrio. De pois dos quadros, da molha e da secca, aqueles vão para as enchedeiras. Estas tiram das varilhas os fósforos já diminuídos; mas como também o enchimento é por empreitada, acontece que, com a pressa demasiada, cãem ao chão alguns fósforos, que não apanham, pois quanto mais grossas de caixas enchermos mais salário auferem. E assim fica o público desfalcado duas vezes.

Interpretando a letra expressa do regulamento dos serviços internos das fábricas de fósforos, a falta ou excesso de seis fósforos é tolerada; além deste limite, incorre-se em penalidade... Ora o público sabe, por experiência própria, que o excesso nunca o tem, a falta é certíssima e o além do limite é muitíssimas vezes vítima dele. A nossa caixa de fósforos faltavam 12, se derem licença de sermos verdadeiros neste caso...

Ao que parece, ao que afirmam, a falta da caixa dos fósforos deve ser de vidro granito, para maior segurança e maior duração; pois não se faz assim: em vez do vidro emprega-se areia. Daqui resulta que, à sexta fricção, ficam as caixas sem lita.

Os fósforos manufacturados tem de ser reverificados pelo gerente da fábrica, e novamente pesados e contados, conforme o artigo 25.º do regulamento interno das fábricas. 2.º Mas que importa isso ao gerente? A Companhia muito menos, porque isso dá-lhe vantagem: os fósforos caídos no chão são apanhados e vão para outras caixas, sendo pagas duas vezes; e o corte e espessura diminuídos poupam mais material e dão mais lucros...

O regulamento do decreto do exclusivo dos fósforos, cada pavio do fósforo de cera tem de ter 35 milímetros de comprimento, quasi o comprimento da caixa, e 2 milímetros de espessura. Pois bem: os fósforos por nós comprados, de corte incerto, não tem esse comprimento, ficando quasi pelo meio da caixa, e ainda menos a espessura devida. 2.º Porque? Há quem diga que isso se deve às belezas dos serviços da empreitada. Quanto menos cilindros meter na máquina, menos tempo o artista perde e, por consequência, mais cortes faz de pavios e mais dinheiro ganha. Não sendo o corte feito consoante a lei determina, o cilindro dura mais tempo na máquina.

A razão de certos fósforos serem inflamáveis e logo se extinguirem, apagam-se, dizem-se esta: os fósforos, depois da molha, tem de estar a secar por um espaço de 24 horas, a fim de ficarem bem secos interiormente. Porém, para que os produtos sejam depressa postos à venda, foram-lhes a sua secca na estufa, às vezes por tempo apenas de duas horas. Assim, ficando um tanto húmidos no interior do fósforo e sendo quasi logo posto à venda, ele inflama-se na parte exterior, que logo é vendida pela humanidade da parte interna! E por isto que, de quando em quando, esgotamos uma caixa sem resultado.

E qual a razão das cabeças dos fósforos virem pegadas umas às outras? Devido à massa não ser preparada em condições, ficando grossa, motivo por que empasa.

Quando ao desfalque dos fósforos de que o consumidor é vítima, como nós, explica-se por estas duas maneiras: há uma oficina de encher quadros, que são colocados nas máquinas onde giram os fios dos pavios; aqueles quadros tem umas travessas, a que lhes dão o nome técnico de varilhas, nas quais, de espaço a espaço, a máquina coloca a quantidade legal de pavios correspondente a uma caixa. Sucede que a máquina tem uma ligeira avaria, um pequeno desequilíbrio, que faz com que um, dois, três ou quatro fios saiam dos seus sítios, andem ligeiros.

Para não perder tempo, porque isso o prejudica na sua empreitada, o operário continua no seu serviço, resultando que em alguns espaços correspondentes ao número de pavios para cada caixa são desfalcados, porque não saem, pelos respectivos buracos, os devidos pavios. Só quando estão muitos pavios fugidos é que o operário se resolve a reparar a avaria, o desequilíbrio. De pois dos quadros, da molha e da secca, aqueles vão para as enchedeiras. Estas tiram das varilhas os fósforos já diminuídos; mas como também o enchimento é por empreitada, acontece que, com a pressa demasiada, cãem ao chão alguns fósforos, que não apanham, pois quanto mais grossas de caixas enchermos mais salário auferem. E assim fica o público desfalcado duas vezes.

Interpretando a letra expressa do regulamento dos serviços internos das fábricas de fósforos, a falta ou excesso de seis fósforos é tolerada; além deste limite, incorre-se em penalidade... Ora o público sabe, por experiência própria, que o excesso nunca o tem, a falta é certíssima e o além do limite é muitíssimas vezes vítima dele. A nossa caixa de fósforos faltavam 12, se derem licença de sermos verdadeiros neste caso...

Ao que parece, ao que afirmam, a falta da caixa dos fósforos deve ser de vidro granito, para maior segurança e maior duração; pois não se faz assim: em vez do vidro emprega-se areia. Daqui resulta que, à sexta fricção, ficam as caixas sem lita.

Os fósforos manufacturados tem de ser reverificados pelo gerente da fábrica, e novamente pesados e contados, conforme o artigo 25.º do regulamento interno das fábricas. 2.º Mas que importa isso ao gerente? A Companhia muito menos, porque isso dá-lhe vantagem: os fósforos caídos no chão são apanhados e vão para outras caixas, sendo pagas duas vezes; e o corte e espessura diminuídos poupam mais material e dão mais lucros...

O regulamento do decreto do exclusivo dos fósforos, cada pavio do fósforo de cera tem de ter 35 milímetros de comprimento, quasi o comprimento da caixa, e 2 milímetros de espessura. Pois bem: os fósforos por nós comprados, de corte incerto, não tem esse comprimento, ficando quasi pelo meio da caixa, e ainda menos a espessura devida. 2.º Porque? Há quem diga que isso se deve às belezas dos serviços da empreitada. Quanto menos cilindros meter na máquina, menos tempo o artista perde e, por consequência, mais cortes faz de pavios e mais dinheiro ganha. Não sendo o corte feito consoante a lei determina, o cilindro dura mais tempo na máquina.

A razão de certos fósforos serem inflamáveis e logo se extinguirem, apagam-se, dizem-se esta: os fósforos, depois da molha, tem de estar a secar por um espaço de 24 horas, a fim de ficarem bem secos interiormente. Porém, para que os produtos sejam depressa postos à venda, foram-lhes a sua secca na estufa, às vezes por tempo apenas de duas horas. Assim, ficando um tanto húmidos no interior do fósforo e sendo quasi logo posto à venda, ele inflama-se na parte exterior, que logo é vendida pela humanidade da parte interna! E por isto que, de quando em quando, esgotamos uma caixa sem resultado.

E qual a razão das cabeças dos fósforos virem pegadas umas às outras? Devido à massa não ser preparada em condições, ficando grossa, motivo por que empasa.

Quando ao desfalque dos fósforos de que o consumidor é vítima, como nós, explica-se por estas duas maneiras: há uma oficina de encher quadros, que são colocados nas máquinas onde giram os fios dos pavios; aqueles quadros tem umas travessas, a que lhes dão o nome técnico de varilhas, nas quais, de espaço a espaço, a máquina coloca a quantidade legal de pavios correspondente a uma caixa. Sucede que a máquina tem uma ligeira avaria, um pequeno desequilíbrio, que faz com que um, dois, três ou quatro fios saiam dos seus sítios, andem ligeiros.

Para não perder tempo, porque isso o prejudica na sua empreitada, o operário continua no seu serviço, resultando que em alguns espaços correspondentes ao número de pavios para cada caixa são desfalcados, porque não saem, pelos respectivos buracos, os devidos pavios. Só quando estão muitos pavios fugidos é que o operário se resolve a reparar a avaria, o desequilíbrio. De pois dos quadros, da molha e da secca, aqueles vão para as enchedeiras. Estas tiram das varilhas os fósforos já diminuídos; mas como também o enchimento é por empreitada, acontece que, com a pressa demasiada, cãem ao chão alguns fósforos, que não apanham, pois quanto mais grossas de caixas enchermos mais salário auferem. E assim fica o público desfalcado duas vezes.

Interpretando a letra expressa do regulamento dos serviços internos das fábricas de fósforos, a falta ou excesso de seis fósforos é tolerada; além deste limite, incorre-se em penalidade... Ora o público sabe, por experiência própria, que o excesso nunca o tem, a falta é certíssima e o além do limite é muitíssimas vezes vítima dele. A nossa caixa de fósforos faltavam 12, se derem licença de sermos verdadeiros neste caso...

Ao que parece, ao que afirmam, a falta da caixa dos fósforos deve ser de vidro granito, para maior segurança e maior duração; pois não se faz assim: em vez do vidro emprega-se areia. Daqui resulta que, à sexta fricção, ficam as caixas sem lita.

Os fósforos manufacturados tem de ser reverificados pelo gerente da fábrica, e novamente pesados e contados, conforme o artigo 25.º do regulamento interno das fábricas. 2.º Mas que importa isso ao gerente? A Companhia muito menos, porque isso dá-lhe vantagem: os fósforos caídos no chão são apanhados e vão para outras caixas, sendo pagas duas vezes; e o corte e espessura diminuídos poupam mais material e dão mais lucros...

O regulamento do decreto do exclusivo dos fósforos, cada pavio do fósforo de cera tem de ter 35 milímetros de comprimento, quasi o comprimento da caixa, e 2 milímetros de espessura. Pois bem: os fósforos por nós comprados, de corte incerto, não tem esse comprimento, ficando quasi pelo meio da caixa, e ainda menos a espessura devida. 2.º Porque? Há quem diga que isso se deve às belezas dos serviços da empreitada. Quanto menos cilindros meter na máquina, menos tempo o artista perde e, por consequência, mais cortes faz de pavios e mais dinheiro ganha. Não sendo o corte feito consoante a lei determina, o cilindro dura mais tempo na máquina.

A razão de certos fósforos serem inflamáveis e logo se extinguirem, apagam-se, dizem-se esta: os fósforos, depois da molha, tem de estar a secar por um espaço de 24 horas, a fim de ficarem bem secos interiormente. Porém, para que os produtos sejam depressa postos à venda, foram-lhes a sua secca na estufa, às vezes por tempo apenas de duas horas. Assim, ficando um tanto húmidos no interior do fósforo e sendo quasi logo posto à venda, ele inflama-se na parte exterior, que logo é vendida pela humanidade da parte interna! E por isto que, de quando em quando, esgotamos uma caixa sem resultado.

E qual a razão das cabeças dos fósforos virem pegadas umas às outras? Devido à massa não ser preparada em condições, ficando grossa, motivo por que empasa.

Quando ao desfalque dos fósforos de que o consumidor é vítima, como nós, explica-se por estas duas maneiras: há uma oficina de encher quadros, que são colocados nas máquinas onde giram os fios dos pavios; aqueles quadros tem umas travessas, a que lhes dão o nome técnico de varilhas, nas quais, de espaço a espaço, a máquina coloca a quantidade legal de pavios correspondente a uma caixa. Sucede que a máquina tem uma ligeira avaria, um pequeno desequilíbrio, que faz com que um, dois, três ou quatro fios saiam dos seus sítios, andem ligeiros.

Para não perder tempo, porque isso o prejudica na sua empreitada, o operário continua no seu serviço, resultando que em alguns espaços correspondentes ao número de pavios para cada caixa são desfalcados, porque não saem, pelos respectivos buracos, os devidos pavios. Só quando estão muitos pavios fugidos é que o operário se resolve a reparar a avaria, o desequilíbrio. De pois dos quadros, da molha e da secca, aqueles vão para as enchedeiras. Estas tiram das varilhas os fósforos já diminuídos; mas como também o enchimento é por empreitada, acontece que, com a pressa demasiada, cãem ao chão alguns fósforos, que não apanham, pois quanto mais grossas de caixas enchermos mais salário auferem. E assim fica o público desfalcado duas vezes.

Interpretando a letra expressa do regulamento dos serviços internos das fábricas de fósforos, a falta ou excesso de seis fósforos é tolerada; além deste limite, incorre-se em penalidade... Ora o público sabe, por experiência própria, que o excesso nunca o tem, a falta é certíssima e o além do limite é muitíssimas vezes vítima dele. A nossa caixa de fósforos faltavam 12, se derem licença de sermos verdadeiros neste caso...

Ao que parece, ao que afirmam, a falta da caixa dos fósforos deve ser de vidro granito, para maior segurança e maior duração; pois não se faz assim: em vez do vidro emprega-se areia. Daqui resulta que, à sexta fricção, ficam as caixas sem lita.

Os fósforos manufacturados tem de ser reverificados pelo gerente da fábrica, e novamente pesados e contados, conforme o artigo 25.º do regulamento interno das fábricas. 2.º Mas que importa isso ao gerente? A Companhia muito menos, porque isso dá-lhe vantagem: os fósforos caídos no chão são apanhados e vão para outras caixas, sendo pagas duas vezes; e o corte e espessura diminuídos poupam mais material e dão mais lucros...

O regulamento do decreto do exclusivo dos fósforos, cada pavio do fósforo de cera tem de ter 35 milímetros de comprimento, quasi o comprimento da caixa, e 2 milímetros de espessura. Pois bem: os fósforos por nós comprados, de corte incerto, não tem esse comprimento, ficando quasi pelo meio da caixa, e ainda menos a espessura devida. 2.º Porque? Há quem diga que isso se deve às belezas dos serviços da empreitada. Quanto menos cilindros meter na máquina, menos tempo o artista perde e, por consequência, mais cortes faz de pavios e mais dinheiro ganha. Não sendo o corte feito consoante a lei determina, o cilindro dura mais tempo na máquina.

A razão de certos fósforos serem inflamáveis e logo se extinguirem, apagam-se, dizem-se esta: os fósforos, depois da molha, tem de estar a secar por um espaço de 24 horas, a fim de ficarem bem secos interiormente. Porém, para que os produtos sejam depressa postos à venda, foram-lhes a sua secca na estufa, às vezes por tempo apenas de duas horas. Assim, ficando um tanto húmidos no interior do fósforo e sendo quasi logo posto à venda, ele inflama-se na parte exterior, que logo é vendida pela humanidade da parte interna! E por isto que, de quando em quando, esgotamos uma caixa sem resultado.

E qual a razão das cabeças dos fósforos virem pegadas umas às outras? Devido à massa não ser preparada em condições, ficando grossa, motivo por que empasa.

Quando ao desfalque dos fósforos de que o consumidor é vítima, como nós, explica-se por estas duas maneiras: há uma oficina de encher quadros, que são colocados nas máquinas onde giram os fios dos pavios; aqueles quadros tem umas travessas, a que lhes dão o nome técnico de varilhas, nas quais, de espaço a espaço, a máquina coloca a quantidade legal de pavios correspondente a uma caixa. Sucede que a máquina tem uma ligeira avaria, um pequeno desequilíbrio, que faz com que um, dois, três ou quatro fios saiam dos seus sítios, andem ligeiros.

Para não perder tempo, porque isso o prejudica na sua empreitada, o operário continua no seu serviço, resultando que em alguns espaços correspondentes ao número de pavios para cada caixa são desfalcados, porque não saem, pelos respectivos buracos, os devidos pavios. Só quando estão muitos pavios fugidos é que o operário se resolve a reparar a avaria, o desequilíbrio. De pois dos quadros, da molha e da secca, aqueles vão para as enchedeiras. Estas tiram das varilhas os fósforos já diminuídos; mas como também o enchimento é por empreitada, acontece que, com a pressa demasiada, cãem ao chão alguns fósforos, que não apanham, pois quanto mais grossas de caixas enchermos mais salário auferem. E assim fica o público desfalcado duas vezes.

Interpretando a letra expressa do regulamento dos serviços internos das fábricas de fósforos, a falta ou excesso de seis fósforos é tolerada; além deste limite, incorre-se em penalidade... Ora o público sabe, por experiência própria, que o excesso nunca o tem, a falta é certíssima e o além do limite é muitíssimas vezes vítima dele. A nossa caixa de fósforos faltavam 12, se derem licença de sermos verdadeiros neste caso...

Ao que parece, ao que afirmam, a falta da caixa dos fósforos deve ser de vidro granito, para maior segurança e maior duração; pois não se faz assim: em vez do vidro emprega-se areia. Daqui resulta que, à sexta fricção, ficam as caixas sem lita.

Os fósforos manufacturados tem de ser reverificados pelo gerente da fábrica, e novamente pesados e contados, conforme o artigo 25.º do regulamento interno das fábricas. 2.º Mas que importa isso ao gerente? A Companhia muito menos, porque isso dá-lhe vantagem: os fósforos caídos no chão são apanhados e vão para outras caixas, sendo pagas duas vezes; e o corte e espessura diminuídos poupam mais material e dão mais lucros...

O regulamento do decreto do exclusivo dos fósforos, cada pavio do fósforo de cera tem de ter 35 milímetros de comprimento, quasi o comprimento da caixa, e 2 milímetros de espessura. Pois bem: os fósforos por nós comprados, de corte incerto, não tem esse comprimento, ficando quasi pelo meio da caixa, e ainda menos a espessura devida. 2.º Porque? Há quem diga que isso se deve às belezas dos serviços da empreitada. Quanto menos cilindros meter na máquina, menos tempo o artista perde e, por consequência, mais cortes faz de pavios e mais dinheiro ganha. Não sendo o corte feito consoante a lei determina, o cilindro dura mais tempo na máquina.

A razão de certos fósforos serem inflamáveis e logo se extinguirem, apagam-se, dizem-se esta: os fósforos, depois da molha, tem de estar a secar por um espaço de 24 horas, a fim de ficarem bem secos interiormente. Porém, para que os produtos sejam depressa postos à venda, foram-lhes a sua secca na estufa, às vezes por tempo apenas de duas horas. Assim, ficando um tanto húmidos no interior do fósforo e sendo quasi logo posto à venda, ele inflama-se na parte exterior, que logo é vendida pela humanidade da parte interna! E por isto que, de quando em quando, esgotamos uma caixa sem resultado.

E qual a razão das cabeças dos fósforos virem pegadas umas às outras? Devido à massa não ser preparada em condições, ficando grossa, motivo por que empasa.

Quando ao desfalque dos fósforos de que o consumidor é vítima, como nós, explica-se por estas duas maneiras: há uma oficina de encher quadros, que são colocados nas máquinas onde giram os fios dos pavios; aqueles quadros tem umas travessas, a que lhes dão o nome técnico de varilhas, nas quais, de espaço a espaço, a máquina coloca a quantidade legal de pavios correspondente a uma caixa. Sucede que a máquina tem uma ligeira avaria, um pequeno desequilíbrio, que faz com que um, dois, três ou quatro fios saiam dos seus sítios, andem ligeiros.

Para não perder tempo, porque isso o prejudica na sua empreitada, o operário continua no seu serviço, resultando que em alguns espaços correspondentes ao número de pavios para cada caixa são desfalcados, porque não saem, pelos respectivos buracos, os devidos pavios. Só quando estão muitos pavios fugidos é que o operário se resolve a reparar a avaria, o desequilíbrio. De pois dos quadros, da molha e da secca, aqueles vão para as enchedeiras. Estas tiram das varilhas os fósforos já diminuídos; mas como também o enchimento é por empreitada, acontece que, com a pressa demasiada, cãem ao chão alguns fósforos, que não apanham, pois quanto mais grossas de caixas enchermos mais salário auferem. E assim fica o público desfalcado duas vezes.

Interpretando a letra expressa do regulamento dos serviços internos das fábricas de fósforos, a falta ou excesso de seis fósforos é tolerada; além deste limite, incorre-se em penalidade... Ora o público sabe, por experiência própria, que o excesso nunca o tem, a falta é certíssima e o além do limite é muitíssimas vezes vítima dele. A nossa caixa de fósforos faltavam 12, se derem licença de sermos verdadeiros neste caso...

Ao que parece, ao que afirmam, a falta da caixa dos fósforos deve ser de vidro granito, para maior segurança e maior duração; pois não se faz assim: em vez do vidro emprega-se areia. Daqui resulta que, à sexta fricção, ficam as caixas sem lita.

Os fósforos manufacturados tem de ser reverificados pelo gerente da fábrica, e novamente pesados e contados, conforme o artigo 25.º do regulamento interno das fábricas. 2.º Mas que importa isso ao gerente? A Companhia muito menos, porque isso dá-lhe vantagem: os fósforos caídos no chão são apanhados e vão para outras caixas, sendo pagas duas vezes; e o corte e espessura diminuídos poupam mais material e dão mais lucros...

O regulamento do decreto do exclusivo dos fósforos, cada pavio do fósforo de cera tem de ter 35 milímetros de comprimento, quasi o comprimento da caixa, e 2 milímetros de espessura. Pois bem: os fósforos por nós comprados, de corte incerto, não tem esse comprimento, ficando quasi pelo meio da caixa, e ainda menos a espessura devida. 2.º Porque? Há quem diga que isso se deve às belezas dos serviços da empreitada. Quanto menos cilindros meter na máquina, menos tempo o artista perde e, por consequência, mais cortes faz de pavios e mais dinheiro ganha. Não sendo o corte feito consoante a lei determina, o cilindro dura mais tempo na máquina.

Jardim da Estrela

Continuam amanhã neste frondoso Jardim, as festas de beneficência. A'lem da feira franca que tem sido concorridíssima, haverá espectáculo à noite, apresentando-se pela 2.ª vez o trio «Os Seranos», que no passado domingo obteve um retumbante successo com o seu maravilhoso e inigualável repertório.

Abre-lha o espectáculo, um distinto grupo musical dirigido por Carlos Pons.

Sábado 30, na festa comemorativa do aniversário da Cooperativa Crédito e Consumo do Povo do Município de Lisboa, estreiar-se-hão números de grande novidade, tendo nesse dia entrada gratis, os sócios da mesma mediante apresentação na bilheteira do cartão de identidade.

Domingo, 1 de Outubro, último e irreversível domingo de festa, dedicado às direcções da Associação dos Trabalhadores de Imprensa e Albergue das Crianças Abandonadas.

O autor da proeza «Juvenal» na entrevista que tivera comigo — (em sonho talvez, ou na visão fantástica do espiritismo) — diz que eu lhe dissera que não se podiam dizer as sentenças que estão para dar-se sem que elas sejam executadas. Isto é o que há de mais repugnante e indigno. 2.º Como poderia eu dizer uma coisa dessas, se não conheço nada a tal respeito? 3.º Como pode ser isso se eu não falei com ninguém em tal caso? 4.º Em que dia foi isso? 5.º Com quem foi? São estas as perguntas que me occorrem para o autor, a quem intimo a vir a público dizer a verdade. Alem destas intrigas, acresce ainda o de eu não ter visto nem saber se o dr. Campos Lima, um dos visados dessa entrevista, estivera ou está em Braga, se se lhe esconder para Barcelos, ou não, se ele tomou conta do dinheiro dos bairros sociais, ou tam pouco se abandonou o meio do operariado. Não sei nada.

Para mim é tudo novo.

Nessa fantástica entrevista diz-se tanta calunia, que é possível que quem com bom senso e critério a ler logo repare que ela não tem fundamento, tal como: que sou eu quem organizo os operários em Braga, que eles me obedecem, que serei o futuro comissário do povo e tudo mais que lhe dá para dizer ao tal senhor Juvenal. Ora como eu não sou nem para brincar, porque a idade já me vai avançando, não gosto destas coisas, apesar do sr. Juvenal ter feito a sua suposta entrevista para meter graça mas que afinal é bem desengradado e de mau gosto.

Já procurei e procurei o autor da proeza e se de facto o encontrar — que é provável se venha a descobrir — dar-lhe hei a recompensa que lhe merece. Mas como isso é missão de pesquisa (no vulgo da policia) venho por este meio desmentir a calunia, esperando que o autor dela se desmascare para poderem, com a sinceridade que sempre teve e temo, discutir a graciosidade e suposta entrevista.

Como sabe eu nada tenho com o movimento operário, do qual estou afastado há bastante tempo por desgostos pessoais, e por isso a publicação desta carta torna-se necessária, não só para mim, como ainda para a organização operária local e até de todo o país, pois se deixarmos passar as calúnias sem um veemente protesto damos provas de que o autor delas fala verdade.

Sem mais.

João Pereira do Rio.

Desmentindo uma mentira

Enviem-nos a seguinte carta:

Sr. redactor:—Deve ter lido, talvez como eu, uma entrevista publicada na Vanguarda de segunda-feira passada, ou seja no n.º 3284 desse jornal de 18 do corrente, e cuja entrevista afirma o seu autor ter sido comigo em plena Arcada, com respeito aos atentados de Lisboa de que foram vítimas os conhecidos sindicalistas «Avante» e Sergio Principe.

Essa entrevista

Livraria Renascença CALÇADO

J. CARDOSO, Lda — Editores

RUA DOS POIAES DE S. BENTO, 27

Foi inaugurado há dias este estabelecimento, onde se encontram a venda obras literárias, científicas, sociais, filosóficas, profissionais e artísticas. Em breve sob a direcção de Manuel Ribeiro o autor de «A Catedral» e «O Deserto» se iniciará a publicação de três colecções a tomos, sendo a primeira intitulada **Colecção Autores Célèbres** ilustrada. Iniciando-se com a grandiosa obra de Victor Hugo **Os Miseráveis**.

A segunda denominada **Germinal** iniciará com a magnífica obra de Kropotkin **O Auxílio Mútuo** trabalho maravilhoso onde é demonstrada a verdadeira solidariedade que existe nos animais irracionais.

A terceira intitulada **Renascença** abrirá com **A Pecadora da Galileia**, por René Emery, romance que remonta aos tempos primitivos do Cristianismo e que ao aparecer em França, em poucas semanas se esgotaram trinta edições.

Outras publicações em separado se editarão de maneira a educar e instruir a classe trabalhadora.

Também tem montada uma secção de artigos de escritório e escolares fornecendo todos os objectos e artigos para o funcionamento de qualquer organismo.

Fornecemos cartões de borracha e de metal, cartões de visita e de identidade, encadernações e todos os trabalhos tipográficos.

Fornecemos bibliotecas e procura de livros raros, assim como a compra e venda de livros usados.

Todos os artigos são vendidos aos preços mais baixos do mercado não recando concorrência.

A nossa divisa será **Honestidade e audácia para vencer**, esperando que o publico e todos os camaradas e amigos façam uma visita ao nosso estabelecimento o que agradecemos.

Belsaúde VITERI

Cigarrilhas medicinais ultra-elegantes
Cura rapidamente

Catarrhos, defluxos, laryngites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão, e apressam a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, bronquios e pulmões.

1.° Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais pratico dos inhaladores.

2.° É usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a carie dentária e por todas as pessoas que tem de suportar oscilos duvidosos porque as defende de contágios perigosos.

3.° São usadas pelas pessoas doentes, pelas astmáticas ou que sofrem de bronquites crónicas, porque limpando o pigarro abrem-lhes o apetite e permitem-lhes sono reparador.

4.° Limpando o pigarro, combate a rouquidão, solara a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelas que cantam ou falam em publico.

O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

5.° Atenua a acção nociva da nicotina, que se deposita nas vias respiratórias dos fumadores e de quem com eles convivia, evitando-lhes o cancro e o estomago gastrico.

6.° Desentorpece o cérebro fatigado, activa as faculdades intellectuales, evitando a surruega cerebral. Usadas por todos os que pensam muito.

7.° Usadas pelas que vivem em frequentes casas dos doentes, porque o fumo saneia o ambiente e introduz-se em todas as células das vias respiratórias, preservando-as das doenças contagiosas, ta como: tuberculose, coqueluche, pneumonia, diphteria, anginas, etc.

Há conveniência em engulir o fumo

PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 80 centavos — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 90 centavos
Fórmula n.º 3 (fortissimo) cart. 1\$00

Depósito dos preparados com o eilo VITERI:

Vicente Ribeiro & C.ª Suc.ª
Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

PIC-PIC

Doença da pele

Cura-se com poucos dias com o especifico da Farmácia Simões

PREÇO 4\$00 — PELO CORREIO 4\$30

RUA INFANTE D. HENRIQUE, 54 (VULGO S. TOMÉ)

Publicações sociológicas

(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

	Pelo correio	Pelo relo
Ahtonen. — A Rússia bolchevista	1\$20	1\$5
Brian. — A greve geral	1\$15	1\$20
Campes Lima. — O movimento operário em Portugal	1\$40	1\$10
Carlos Rates. — A ditadura do Proletariado	1\$40	1\$10
Carneiro de Moura. — A mulher e a civilização	2\$00	2\$10
Ceiso Ferraris. — Os partidos políticos	1\$00	1\$10
Charles Albert. — O amor livre	1\$00	1\$10
Content. — Contra o confucionismo	1\$10	1\$15
Delaisi. — Os financeiros, os políticos e a guerra	1\$10	1\$15
Domela Nieuwenhuis. — Patria e Humanidade	1\$05	1\$05
Dufour. — O sindicalismo e a próxima revolução (2 vol.)	2\$00	2\$20
Emilio Bossi. — Cristo nunca existiu	1\$05	1\$05
Emilio Costa. — Acção directa e acção legal	1\$05	1\$05
Ellerant. — A minha defesa	1\$10	1\$15
Fraser. — A Rússia vermelha	1\$50	1\$50
Fabra Ribes. — O socialismo eo conflito europeu	1\$00	1\$15
Gladiator. — A questão social no Brasil	1\$30	1\$30
G. O. N. M. — Proclamação constitucional	1\$25	1\$25
Gustavo Molinari. — Problemas sociais	1\$00	1\$10
Guyau. — Ensaio critico moral sem obrigação nem sanção	1\$50	1\$50
Hamon:		
A conferência da Paz e a sua obra	1\$50	1\$50
As lições da guerra mundial	1\$50	1\$50
O movimento operário na Gran-Bretanha	1\$50	1\$50
Psicologia do militar profissional	1\$50	1\$50
Psicologia do socialista	1\$50	1\$50
Quarta. — A crise do Socialismo	1\$50	1\$50
Jean Grave:		
A Anarquia-Fins e meios	1\$50	1\$50
A Sociedade Futura	1\$50	1\$50
Individual e a Sociedade	1\$50	1\$50
José Carlos de Sousa. — A propriedade privada	1\$20	1\$20
Joseph J. Ettor. — Unionismo Industrial	1\$20	1\$20
José T. Lorenzo. — Maximalismo e Anarquismo	1\$20	1\$20
Jules Guesde. — A lei dos salarios	1\$15	1\$20
Justus Ebert. — Os I. W. W. na teoria e na pratica	1\$50	1\$70
Krapotkin:		
A Anarquia, sua filosofia e seu ideal	1\$30	1\$35
A Grande Revolução (2 vol.)	1\$12	1\$10
A moral anarquista	1\$20	1\$25
A Mochada	1\$20	1\$25
Sindicalismo e Parlamentarismo	1\$02	1\$05
Os bastidores da guerra	1\$05	1\$05
Em volta duma vida	1\$30	1\$10
Landauer:		
A Social Democracia na Alemanha	1\$05	1\$05
Leone-O Sindicalismo	1\$00	1\$15
Matatest:		
O programa socialista-anarquista revolucionario	1\$10	1\$15
Entre camponeses	1\$20	1\$25
No café	1\$20	1\$25
Manuel Ribeiro. — Na linha de fogo	1\$50	1\$50
Marx. — O Capital	1\$50	1\$50
Metzner. — A verdade acerca da revolução russa	1\$50	1\$50
Melchior Inchausti. — A monarquia jesuitica	1\$50	1\$50
Naquet. — A caminho da união livre	1\$50	1\$50
Nietzsche:		
Anti-Cristo	1\$20	1\$15
Genealogia da moral	1\$20	1\$15
Neno Vasco. — Ao Trabalhador Rural — Geórgica	1\$10	1\$15
Novicow. — A emancipação da mulher	2\$00	2\$20
Pataut e Pouget. — Como fazer a revolução	1\$20	1\$25
Perfeito de Carvalho. — Notas e comentários	1\$50	1\$55
Prat. — A burguesia e o Proletariado	1\$05	1\$05
Ricardo Mella:		
O principio do fim	1\$05	1\$05
Rogel. — A sugestão e as multidões	1\$20	1\$15
Russumano. — A escravidão social da mulher	1\$00	1\$10
Sebastião Faure. — Doze provas da existência de Deus	1\$10	1\$15
Trotsky. — Constituição politica da república dos Soviotes	1\$15	1\$2
Vandervelde:		
Alcoollismo ou Revolução	1\$25	1\$30

Nicolau Gomes Correia

ACABA DE RECEBER um grande sortido de cheviotes género inglez, estambres, casimiras e alpacas. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, para senhora, o casacos. Um grande stock de kakis. PREÇOS SEM COMPETÊNCIA

AVIAMENTOS PARA ALFAIATES

R. dos Fanqueiros, 255

A BATALHA

PURGAÇÕES

Por mais antigas e rebeldes que sejam, curam-se rapidamente, sem uso de injeções, tomando o verdadeiro especifico

SANDANITOL

O seu uso pode ser secreto porque as urinas não mudam de cor nem de cheiro 10\$00

PREÇO

VENDEM:

FARMACIA ESTACIO, Rossio, 63. — FARMACIA INTERNACIONAL, Rua do Ouro, 228. — UNIAO COMERCIAL DE DROGAS, Rua Augusta, 180. — FARMACIA CASTRO, Avenida Almirante Reis, 76. — FARMACIA CONCEIÇÃO, Calçada de D. Gastão, 23, (Xabregas). — FARMACIA DE PEDROUÇOS, Rua do Pedroços, 114.

Depósito geral Farmácia Castro, Sucessor

Rua de S. Bento, 199-199, A

LISBOA

LANIFICIOS

Vendem fazendas directamente ao consumidor

MOSA & ROMÃO

COVILHÃ

Enviam-se amostras

GRANDE ECONOMIA

EPOCA AGRICOLA DE 1922

Seguros de Incêndio de Searas

A MUNDIAL, devido a um acordo com um poderoso grupo de companhias estrangeiras COBRA MENOS DE METADE DOS PREMIOS até aqui estabelecidos nos seguros de cereais e palhas. ALEM DISSO, «A MUNDIAL» NADA COBRA a título de ENCARGOS ou CONTRIBUIÇÕES pois que estas são por ela integralmente pagas.



A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital inteiramente realizado 500:000\$00

RESERVAS: 749:051\$60,9

SEDE EM LISBOA DELEGACAO NO PORTO

Rua Garrett, 95 — Tel. 4084 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

O BRIG A' BRAC DE ALCANTARA

DE

JOSÉ JOAQUIM NICOLAU VERISSIMO

37 — RUA DE ALCANTARA — 37

LISBOA

COMPRA, VENDE E TROCA MOVEIS NOVOS E USADOS

e diferentes objectos

Venda por grosso de lenhas e carvão — Lenha a retalho para fogão

a 90 réis o quilo e a 100 réis posta em casa do freguês

Os I. W. W. na teoria e na pratica

teoria e na pratica

na

teoria e na pratica

na

teoria e na pratica

na

teoria e na pratica

na

teoria e na pratica

na

teoria e na pratica

na

teoria e na pratica

na

teoria e na pratica

na

teoria e na pratica

na

teoria e na pratica

na

teoria e na pratica

na

teoria e na pratica

na

teoria e na pratica

na

teoria e na pratica

na

teoria e na pratica

na

teoria e na pratica

na

teoria e na pratica

na

teoria e na pratica

na

AGUA AMARELA
Mata todos os parasitas da cabeça e corpo, destrói lendas e limpa a caspa. Não suja a roupa nem estraga o cabelo.
PREÇO 2\$00 — PELO CORREIO 2\$50
DEPÓSITO GERAL: FARMÁCIA SIMÕES
Rua Infante D. Henrique, 54, (vulgo S. Tomé) — LISBOA

Biblioteca DE Instrução profissional

LIVROS ESCOLARES BROCHADOS

Algebra	4.00	Geometria	3.50
Aritmética	4.00	Curso Portug.	2.50
Desenholénar	2.50	Mecânica	2.50
Física	2.50	Química	3.50

ELEMENTOS GERAIS (encadernados)

Algebra elemental	5.50
Aritmética práctica	5.50
Desenho lenar geométrico	4.00
Elementos de física	4.00
• mecânica	4.00
• modação ornato	4.00
• prefeções	4.00
• química	5.00
Geometria plana e no espaço	4.00

MECANICA

Desenho de máquin	10.00
Material agrícola	4.50
Nomenclatura de caldeiras e máquin	4.50
Problema de máquin	6.00

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos de construçoes	5.00
Alvenaria e cantaria	4.50
Edificações	4.50
Encanamentos e salubridade das habitações	4.50
Material de construção	6.00
Terraplanagem e alicerces	4.00
Trabalhos de carpintaria civil	5.00
• serralaria civil	5.00

CONSTRUÇÃO NAVAL

Construção naval, materiais de construção	4.00
Construção de navios de ferro	4.00
Acessórios de navios de ferro	4.00

DIVERSAS INDÚSTRIAS

Indústria alimentar	4.00
• cerâmica	4.00

MANUAIS DE OFÍCIOS

Condutor de máquin	5.00
Electricista	6.00
Fabricante de tecidos	4.00
Ferreiro	4.00
Fogoeiro	4.50
Formador e estucador	4.00
Fundidor	4.50
Galvanoplastia	5.00
Motores de explosão	6.50
Pilagem	5.00

ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Escrituração comercial-industrial	4.00
Escrituração e contabilidade comercial	8.00
Manual práctico de correspondência comercial	6.00

DICIONÁRIOS

Dicionário da lingua portuguesa, de sinónimos da lingua portuguesa	6.00
• verniz, salto sola	6.00
• práctico francês-português	20.00
• português-ingles e ingles-português	12.00

Desde que lhe sejam enviada a importância respectiva acrescida de mais 10 % para as despesas do porte e registo a administração de A Batalha enviará qualquer das obras anunciadas.

Hostias Peruvianas

São de grande alirada na cura das sezões e de todas as febres intericticas, porque não deprimindo o organismo são tónicas e anti-febriugas por ex-telencia

Depósito geral

FARMACIA CASTRO, SUCESSOR

Rua de S. Bento 199-199, A LISBOA

Camoradas

Vão comprar o vosso calçado e mandem concertar na Rua Arco Marquês de Alegrete, 60 e 62 1.º, pois é um suíço operário que não vos engana.

Vão vêr! Vão vêr!

Obras de literatura, ciência e ensino

(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

Adolfo Lima:		Gorka:	
Educação e ensino	1\$00	O cagueirado	1\$50
O Ensaio da História	1\$10	Os vagabundos	1\$30
O Teatro na Escola	1\$05	Scenas de familia (teatro)	1\$20
Alfred Binet. — A alma e o corpo	2\$30	Na prisão	1\$30
Alfred Binet. — Naves Dias — Razão (romance social)	1\$05	Ibsen. — Os espectros (teatro)	1\$20
Benedetti. — Arte de ensinar	2\$30	Jaime Cortesão. — Adão e Eva (teatro)	1\$20
Bento Faria. — Missa Nova	1\$50	Jean Gruet. — A vida do direito	2\$30
Benuzzi. — Crisção e vida	1\$50	Jean Finot. — A Seizão da Félicidade	1\$40
Binet-Sanglé. — A Loucura de Jesus	1\$50	Laisant. — Inicição matemática	2\$40
Bruyssel. — A vida social	2\$30	Luit Buchner. — Na aurora do século XX	1\$50
Celestino de Sousa:		Malvert. — Ciência e Religião	2\$30
Atérvia da História	1\$30	Mirbeau:	
Movimentos revolucionários	1\$30	O Jardim dos Suplicios	1\$30
A revolução francesa	1\$30	Memórias duma criada de quarto	5\$00
Jlemence Jaquinot. — História Universal (2 vol.)	4\$00	Neno Vasco. — O Pecado de Simonia	1\$30
Colson:		Reinach. — História das religiões	1\$50
Organismo económico edesordem social	5\$00	Spencer. — A Justiça	5\$00
Dante:		Strauss. — A yelha e a nova fé	2\$00
A ciência e a vida	3\$30	Timotheon. — Não creio em Deus	1\$00
Mecânica da vida	2\$30	Toistol:	
O Egoismo	5\$30	Sonata de Kreutzer	1\$00
Dastre. — A vida e a morte	5\$30	O conto do cizne	1\$00
Dancy. — Desvendemos do mancebo	1\$00	Toulouse. — Como se deve educar o espirito	2\$30
Ernesto da Silva. — Teatro II. — Arte e Arte social	4\$30	Victor Hugo:	
Faguet:		França e Belgica (2 v.)	5\$30
Inicição filosófica	2\$30	Han d'Islandia (2 vol.)	5\$30
Inicição literaria	5\$30	Novena e tres (2 vol.)	5\$30
Arte de ler	2\$30	O homem que ri (2 vol.)	4\$50
Horrar das responsabilidades	2\$30	O Reno (2 v.)	4\$50
Faria do Vascoscelos. — Problemas escolares	5\$40	Os miseráveis (2 grossos volumes ilustrados, encadernados)	22\$50
Fiamaron:		Zola:	
Inicição astronómica	2\$30	O sr. ministro	5\$40
Astronomia popular	1\$30	Paraiso das Damas (2 vol.)	5\$30
Curiosidades astronómicas	1\$30	Terra. — A Terra	5\$30
Contos de luar	1\$30	Loures	4\$60
		Alegria de viver (2 vol.)	5\$30
		A conquista de Pinassas (2 v.)	5\$30
		A fortuna dos Rougas (2 v.)	5\$30

Pelo correio mais 10 por cento e 10 centavos para registo

Sapataria do Calhariz

Largo do Calhariz, 33

Francês sem mestre em 3 meses

por M. GONÇALVES PEREIRA

Ao alcance de todas as inteligências e de todas as idades.

Pronúncia figurada em sons da lingua portuguesa, gramática, conversação e correspondência.

PREÇO 10\$00

Pelo correio 10\$50

Pedidos à administração de A BATALHA

O Congresso Internacional Sindical Vermelho

Relatório do delegado dos I. W. W. (Trabalhadores Industriais do Mundo) América do Norte, ao Congresso constitutivo da Internacional Sindical Vermelha.

Preço 50 centavos

Pelo correio 55 centavos

REUMATISMO

SIFILITICO BLENORRAGICO GOTOSO

ARTICULAR MUSCULAR

Cura-se com o onotável especifico

«REUM